

ALBERTO REBORDÃO DE BRITO

06Fev1942 > 23Nov1994



Nascido em São Vicente do Cabo Verde, aos quatro meses de idade foi com seus pais para Lisboa (onde em 1949 fica orfão de pai).

Em 1953 é admitido nos Pupilos do Exército.

Em 24Jul62, após ter frequentado um curso de Economia, ingressa como oficial na Marinha Mercante. Seguidamente, alista-se num curso de Fuzileiros Especiais.

Em Out67, integrado no DFE12, desembarca em Bissau.

Em Ago69 conclui a sua primeira comissão ultramarina e volta para Vale de Zebro.

Em meados de 1970, sendo 2Tn FZE, regressa voluntariamente à Guiné, onde forma o DFE22.

Em 22Nov70 participa na Operação Mar Verde, com a missão de afundar a 'Marinha' do PAIGC e eventualmente a Marinha da Guiné-Conackry, por forma a obstar que qualquer meio naval possa impedir a acção das forças de assalto portuguesas. Com outros 14 FZE, sai durante a noite do navio-de-comando em botes de borracha e dirige-se ao molhe de enrocamento que protege o porto interior de Conackry. Sob o molhe e com binóculos estuda a disposição dos navios, após o que se lançam ao assalto das vedetas P6 e Colmar, as únicas unidades da esquadra da Guiné-Conackry acostadas ao porto. Os fuzileiros incendiam e afundam tudo quanto é possível, a fim de que a força de assalto possa movimentar-se à vontade em águas estrangeiras. Cumprido o objectivo, regressam ao navio-de-comando nos botes, um deles com o motor avariado, pilotado pelo marinheiro guineense Saide (após a independência, fuzilado pelo PAIGC).

– «Todas as operações de contra-guerrilha, são iguais e vulgaríssimas. Uma operação, seja ela bem ou mal sucedida, resulta sempre de duas coisas apenas: um planeamento de 5 dias e uma barulheira de 1 minuto, do qual 45 segundos são estrondos e sons de metralha, e o resto o exercício do português mais vernáculo; a seguir, é a recolha de informações, as contagens de mortos e feridos. Uma operação a nível de pequenas unidades, é rigorosamente isto.

– «Depois, há aquelas situações de confronto, do tipo emboscada. Criamos e enraizamos o hábito de carregar sobre o inimigo, a disparar e gritar insultos e "vamos a eles, vamos apanhar um à mão". É preciso correr e disparar, obrigando o inimigo a correr de costas ou a correr mais depressa que nós. Uma técnica estranha, mas muitíssimo eficaz durante todo o tempo em que estive no Ultramar, contrariando o que pode classificar-se como tendência natural – que é a de mergulhar quando se ouvem tiros – e, chegando a determinada altura de habituação ao combate, o instinto de sobrevivência dá-nos a sensação mais segura de estarmos a saber o que se passa e de onde vêm as coisas, e não ter a cabeça na terra onde nada se vê, a não ser as raízes e a poeira levantada pelos tiros. De pé tem-se uma visão de conjunto e sabe-se como se há-de manobrar ou para que lado devemos de carregar. Pode dizer-se que a melhor defesa é o ataque, carregar sobre o inimigo fazendo a maior barulheira possível, isso tem um efeito psicológico muito grande. Mas não pode ficar toda a gente de pé. De pé fica o comandante, que não interessa que faça fogo, mas que perceba o que está a passar-se para poder actuar e acabar com o perigo o mais depressa possível. Além disso, o facto de o comandante ficar de pé, dá segurança ao resto do pessoal e isto é importante para que uma operação corra bem. Quando vamos para áreas muito complicadas e os homens estão receosos, levo só um pingalim ou uma pistola, para lhes fazer sentir que não há razão para ter medo. Um homem bem treinado tem muito mais possibilidade de sobrevivência na guerra, do que um homem mal treinado. Mas talvez eu tenha mais sorte que outros, no aspecto em que participei em mais missões com êxito.»

– «De resto, a minha carreira é uma carreira que qualquer militar medianamente dedicado ao seu conceito de Pátria faria: era apenas cumprir. Talvez eu tivesse tido mais ocasiões de o fazer. Talvez também as tivesse procurado. De resto, a minha carreira militar nada teve de especial.»

Em 05Fev70 condecorado com a Medalha de Prata de Valor Militar, com palma.

Em 23Abr71, sendo 1Tn FZE, condecorado com uma Cruz de Guerra de 1ª Classe.

Em 24Mai72 agraciado com o Oficialato da Ordem Militar da Torre e Espada, do VLM, c/palma.

Também agraciado com a Medalha de Mérito de 3ª Classe, a Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas Portuguesas com a legenda "Guiné", e a Medalha de Promoção por distinção em combate.

Em 08Jun78, promovido a capitão de mar-e-guerra.

Veio a falecer no Hospital da Marinha, vitimado por cancro.